



Roseli Figaro
(Organizadora)

São Paulo
ECA-USP
2021



SUMÁRIO

Conexão Pós: Resistência pela Ciência e Colaboração na Pesquisa

Organizadora: Roseli Figaro

Autores

Anjré Luis Bueno Alves Pereira; Cinthia Maria do Carmo Gomes; Eliane de Souza Almeida; Eliá Simeia Martins dos Santos Amorim; Francisco de Assis Silva; Gláucia Bierwagien; Ítalo Leopardi Bosco de Azevedo; Jamir Osvaldo Kinoshita; José Ismar Petrola Jorge Filho; Larissa Flávia Monteiro Silva Rosa; Lucas Martins Nêla; Márcia Pinheiro Ohlson; Marilena Lima; Mayama Estevanini; Nara Lya Cabral Scabin; Patrícia Oliveira Beloni; Patrícia Zimmermann; Pedro Neris Luiz Caldas; Santiago Nallato García; Thais Cristina Afonso de Jesus; Tássiana Nogueira Pereira; Vinícius Alves Saralheiro

Conselho Editorial

Ana Flávia Marques; Camila Acosta Camargo; Cora Catalina Quinteros; Eliane de Souza Almeida; Flávia Ikeda; Gabriela Torres; Gean Gonçalves; Jamir Osvaldo Kinoshita; Margaret Pavan Arruda

Conselho Científico

Anderson Vinicius Romanini; Claudia Nonato; Elizabeth Nicolau Saad Correa; Evange Elias Assis; Fernanda Castilho Santana; Issaaf Santos Karhawi; Lana Maria Millarez Pereira; Lúgia Maria Prezia Lemos; Márcos Antonio Zibordi; Rogério Pelizzari de Andrade; Richard Romancini; Wagner Souza e Silva

Capas

Felipe Parra

Projeto Gráfico e Editoração: Zeta Studio

Supervisão de Conteúdo

Ana Flávia Marques; Camila Acosta Camargo; Cora Catalina Quinteros; Eliane de Souza Almeida; Gabriela Torres; Jamir Osvaldo Kinoshita; João Augusto Mollani

Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Valhan Agopayan

Reitor

Prof. Dr. Antonio Carlos Hernández

Vice-Reitor

Escola de Comunicações e Artes

Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Diretor

Prof. Dra. Brasília Passarelli

Vice-Diretora

Prof. Dra. Yânia Mara Alves de Lima

Presidente da Comissão de Pós-graduação

Comissão Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação

Prof. Dra. Roseli Figaro

Coordenadora

Prof. Dr. Encus Trindade Barreto Filho

Vice-Coordenador

Prof. Dra. Maria Aparecida Ferrari (titular)

Prof. Dra. Maria Cristina Palma Mungoli (titular)

Prof. Dr. Wagner Souza e Silva (titular)

Prof. Dra. Claudia Lago (suplente)

Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly (suplente)

Prof. Dr. Luiz Alberto Bessa de Farias (suplente)

Catálogo na Publicação Serviço de Biblioteca e Documentação Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C743

Conexão pós [recurso eletrônico] : resistência pela ciência e colaboração na pesquisa / Roseli Figaro (organizadora) -- São Paulo: ECA-USP, 2021. 330 p.

ISBN 978-85-88640-30-2

1. Comunicação. 2. Comunicação -- Pesquisa. I. Figaro, Roseli.

DDO 23.ed. -- 302.2



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 4.0 Internacional.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Apresentação

Apresentação
Roseli Figaro

Universidade pública: confrontos e resistência pela ciência e educação
Adilson Citelli

Publish or perish? A publicação científica em Ciências da Comunicação para além do produtivismo
Richard Romancini

Na pós-graduação é preciso ser resistente e buscar a colaboração
Gean Gonçalves

Práticas educacionais pela comunicação

A educomunicação socioambiental e sua legitimação na esfera pública
Patrícia Zimmermann

Educomunicação no sertão do São Francisco: o papel do acervo
Dom José Rodrigues de Souza em Juazeiro da Bahia
Francisco de Assis Silva

As representações do Samba na prática escolar enquanto estudo de caso
Ítalo Leopardi Bosco de Azevedo

Representações docentes e a formação continuada
Gláucia Silva Bierwagien

Exegeses do jornalismo

O debate sobre gênero no jornalismo de referência: notas a partir de uma abordagem discursiva
Nara Lya Cabral Scabin

Bloqueando as fake news
Márcia Pinheiro Ohlson

Do Pasquim ao Sensacionalista: a notícia falsa ou simulada como gênero no jornalismo alternativo em contextos de crise de credibilidade da imprensa
José Ismar Petrola Jorge Filho

Publish or perish? A publicação científica em Ciências da Comunicação para além do produtivismo

Richard Romancini¹

Resumo

O texto aborda as revistas científicas, enfatizando aspectos formativos e de desenvolvimento acadêmico que elas podem propiciar, principalmente, para estudantes de pós-graduação. A discussão está estruturada em três grandes temáticas: 1) os possíveis benefícios do ingresso no sistema de revistas científicas, 2) o estado atual da avaliação dos periódicos no Brasil e 3) recomendações práticas para a publicação em revistas. Ao fim, indica-se que a publicação de artigos, ainda durante os estudos de pós-graduação, pode ser um meio para que jovens pesquisadores e pesquisadoras contornem o “efeito Mateus”. Para tanto, esforços formativos relacionados a essa atividade são importantes.

Palavras-chave

Revistas científicas. Pós-graduação. Avaliação de revistas. Educação científica.

A publicação científica é percebida muitas vezes como um imperativo que se impõe aos estudantes de pós-graduação e pesquisadores, mais relacionado ao avanço na carreira do que com a meta de produzir e divulgar conhecimento. Esse é o dilema do chamado “produtivismo acadêmico”, definido como uma “forma de avaliação centrada na quantidade pura e simples de produções/publicações, em geral pouco lidas ou que não têm maior importância científica” (GODÓI; XAVIER, 2012, p. 456). Além disso, o produtivismo incentiva a competição na ciência, em termos institucionais (universidades, departamentos, programas de pós-graduação) e de indivíduos (discentes, docentes, pesquisadores), no que configura, para alguns, uma forma de “capitalismo acadêmico” (CASANOVA, 2001; SLAUGHTER; RHOADES, 2004).

A lógica produtivista, que atravessa todas as áreas de conhecimento na atualidade, no caso das publicações científicas, pode ser sintetizada na máxima “publish or perish”²

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. E-mail: richardromancini@usp.br. ORCID: 0000-0002-1651-5880.

2. A origem exata dessa expressão, no campo acadêmico, parece remontar à obra *The academic man: a study in the sociology of a profession*, de 1942, do sociólogo estadunidense Logan Wilson. No entanto, a expressão possuía um sentido irônico que foi

(publique ou pereça). A pressão para *publicar* está ligada, preferencialmente, aos artigos em revistas/periódicos científicos (ou *journalis*) qualificados, enquanto *pererec* é uma metáfora para a diminuição dos ganhos acadêmicos (bolsas, auxílios financeiros, cargos etc.) dos pesquisadores com poucos trabalhos publicados.

A centralidade atual do artigo em revistas é justificada, pelos defensores do formato, por aspectos como a relativa rapidez de publicação, permitindo uma circulação mais ágil do conhecimento e, principalmente, pelo fato de que os periódicos possuem formas de seleção rigorosas. Disso decorre a avaliação de que

As revistas acadêmicas são hoje o principal pilar dos sistemas de divulgação, produção e financiamento científicos. Elas não apenas servem para divulgar as ideias e descobertas de uma dada pesquisa, mas sobretudo para determinar padrões do que vem a ser uma investigação acadêmica legítima e, portanto, digna de prestígio e financiamento. (CAMPOS, 2019)

A publicação dos artigos é, assim, estimulada e mais valorizada em avaliações institucionais, em detrimento de meios usuais de veiculação do saber nas ciências sociais e humanas, como os livros, apesar das críticas a essa opção. Desse modo, o histórico de publicações de um acadêmico terá impacto na sua carreira (LAURANCE et al., 2013a).

Por outro lado, a publicação científica é tradicionalmente encarada como um fator de progresso das áreas de conhecimento, com discussões clássicas da sociologia da ciência ressaltando esse papel. A discussão pública dos estudos favorece o esforço crítico e coletivo para o avanço científico.

A concepção institucional da ciência como parte do domínio público está ligada ao imperativo da comunicação de resultados. O segredo é a antítese dessa norma; a comunicação plena e franca, seu cumprimento. A pressão para difundir os resultados é reforçada pelo objetivo institucional de ampliar as fronteiras do conhecimento e pelo incentivo do reconhecimento que, obviamente, depende da publicação. (MERTON, 2013, p. 193)

A publicação é entendida, ainda, como uma espécie de compromisso de ordem social. Isso se dá, pois grande parte dos trabalhos científicos são feitos com recursos públicos,

portanto, a divulgação dos resultados é esperada (COIMBRA JÚNIOR, 2009). Ganha relevo, nesse sentido, a recomendação, feita por pesquisadores, instituições ou agências de fomento, da publicação em acesso aberto (*open access*), sem cobrança para os leitores.

Entretanto, quando o excesso de pressão se torna a norma, o significado idealizado da publicação científica pode se perverter no “produtivismo” aludido. Essa faceta pode se materializar em condutas questionáveis – como a “publicação salame” (*salami-slicing*), ou seja, o fracionamento do que poderia ser um único artigo em vários, a publicação duplicada e o autoplágio. Daí, o relevo crescente da discussão sobre a *integridade científica* (ver ROLAND, 2007; VILAÇA, 2015; TOLSGAARD et al., 2019).

Até agora foram caracterizados dois polos do “sistema de publicação científica”, isto é, um conjunto mais ou menos articulado de publicações. São tipos “puros” que, se pensados de maneira extrema, são antagônicos: enquanto um crítica a situação relacionada à publicação científica, o outro destaca a sua positividade. Entretanto, a realidade é mais complexa, e meu desejo, neste trabalho, é oferecer um olhar sobre as revistas científicas, enfatizando o componente formativo, de desenvolvimento acadêmico, que elas possuem, principalmente, para o estudante de pós-graduação.

Não se trata de negar a importância da crítica ao “produtivismo”, adotando apenas a crença idealizada nos valores positivos da publicação em revistas. Ir “além do produtivismo”, na reflexão proposta, significa entender que esse “sistema”, malgrado o fato de que seja também influenciado por forças externas (como as políticas científicas), só poderá ser aperfeiçoado por quem o conhece e interage com ele. Ao mesmo tempo, essa atuação é um aspecto importante da construção da identidade do(a) pesquisador(a).

Utilizo na discussão literatura sobre os pontos de interesse, mas também minha experiência como agente desse sistema, como leitor, autor, avaliador e participante de comitê editorial, estruturando o texto a partir de três grandes temáticas: 1) os possíveis benefícios do ingresso no sistema de revistas científicas, 2) o estado atual da avaliação dos periódicos no Brasil e 3) recomendações práticas a respeito da publicação em revistas.

Benefícios do sistema

Conforme as revistas se adaptaram ao ambiente digital – salvo engano, não há revista importante da área da Comunicação apenas com versão impressa –, os processos que envolvem o acesso, a submissão, a publicação e a divulgação dos artigos científicos foram facilitados. Isso não se dá somente com as revistas, outras formas da literatura científica (teses, anais de congressos etc.) também ganharam impulso.

A ambiência digital fortalece o sistema, além de outros fatores como o crescimento da pós-graduação em Comunicação (eram 14 programas da área em funcionamento em

⁵sendo gradativamente substituído pela imposição contumelante da publicação como forma de sobrevivência e, portanto, de permanência do pesquisador na esfera acadêmica” (ZUINI; BIANCHETTI, 2015, p. 731).

2000, 36 em 2010 e hoje, dez anos depois, são 56³). Os docentes e discentes são potenciais consumidores e produtores de literatura científica.

Assim, falando de pontos favoráveis desse contexto, principalmente para os estudantes, quanto ao papel de *leitor*, se tornou bem mais fácil utilizar artigos científicos, inclusive estrangeiros. As buscas on-line, em bancos de dados ou em ferramentas mais gerais, como a do Portal de Periódicos Capes (<<https://www.periodicos.capes.gov.br/>>) e o Google Acadêmico (<<https://scholar.google.com/>>), permitem a feitura de revisões bibliográficas qualificadas, mais rápidas e com o possível acesso a textos completos.

Para a nova geração de estudantes, essa realidade é banal, mas não era incomum, ainda no final da década de 1990, que os pesquisadores se deslocassem para ter acesso a certo texto numa biblioteca de outra cidade ou que tivessem que aguardar a volta de um amigo do exterior, que traria algum trabalho indisponível no país.

Essa vantagem é também uma responsabilidade: é possível esperar que os projetos de pesquisa e estudos busquem se situar, de maneira mais refinada, no “estado da arte” de seus objetos. É difícil imaginar, nos dias de hoje, um projeto de pesquisa que utilize em suas referências apenas livros, visto que as revistas acabam publicando o “conhecimento de ponta”. Para dar um exemplo, a revista *MATRIZES*, na qual atuo como editor-executivo, possui um artigo de Thompson (2018), no qual o autor atualiza sua teoria interacional da mídia. Um pesquisador que utiliza a teoria do autor apenas a partir do livro em que ela foi inicialmente exposta, de 1995, estará desatualizado.

Outra característica formativa importante do consumo de revistas científicas é a aquisição de familiaridade com as formas de argumentação e exposição científicas de trabalhos qualificados, bem como metodologias e teorias atualizadas. A contínua leitura de artigos científicos permite ao jovem pesquisador se preparar para o papel de *autor*.

Nessa situação, em primeiro lugar, o candidato deve localizar uma revista que, por certas características, possa bem acolher seu trabalho (em tópico seguinte, alguns pontos sobre isso serão abordados), o que será uma forma de conhecer o conjunto de revistas da área. Além disso, o pós-graduando poderá exercitar os variados gêneros publicados nelas, obtendo *feedbacks*, diferentes dos de seu orientador, sobre o que produz.

Se o texto é aprovado, a publicação torna o autor mais conhecido, o que pode favorecer intercâmbios científicos (convites para bancas, eventos etc.) e o conhecimento de pesquisadores que investigam temas correlatos. A partir das citações a seus trabalhos, recuperáveis por perfis como o do Google Acadêmico Citações (<https://scholar.google.com/citations>), o pesquisador poderá ver as pessoas que têm interesse em suas pesquisas, conhecendo ainda estudos potencialmente úteis.

3 Conforme dados da Plataforma Scopus: Disponível em: <<https://bit.ly/2Eii13WQs>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

Conforme alguém se torna mais conhecido e associado à investigação de algum tema, por suas publicações, poderá ser convidado para atuar como avaliador/parecerista de revista. Esse trabalho, apesar de geralmente anônimo⁴ e não remunerado, é vital para a busca da qualidade pelas revistas. E o convite é um reconhecimento do saber adquirido. Atuar como parecerista é trabalhoso, mas traz vantagens ao pesquisador:

Escrever um parecer é uma ótima maneira de se manter a par das pesquisas mais recentes, de impressionar os editores das revistas mais importantes e de aprimorar sua análise crítica. A prática permite aprender também como revisar um manuscrito, detectar erros recorrentes nos artigos e melhorar suas chances de ser bem-sucedido em seu trabalho autoral. (WILKINSON, 2017)

Entretanto, um jovem pesquisador pode ter dificuldades ao fazer os primeiros pareceres. Isso ocorre, basicamente, por três motivos: 1) o gênero textual “parecer” se caracteriza, em geral, pela confidencialidade, o que impede a circulação de textos que poderiam ter caráter exemplar, 2) a relativa ausência de cursos e disciplinas que formem pós-graduandos para exercer a função de revisor e outros papéis da editoração científica, e 3) a necessidade que o avaliador tem de saber como o periódico se situa dentro do sistema de publicações de uma área.

Nesse sentido, a consulta a bons materiais na internet, como a coleção de recursos abertos de treinamento para revisores das revistas da Public Library of Science (PLOS) (<<https://plos.org/resources/for-reviewers/>>), bem como a leitura de textos sobre “como redigir um parecer” (WILKINSON, 2017; PORTO; GURGEL, 2018; CAMPOS, 2020), podem ser estratégias de autoformação. Essas leituras devem, no entanto, ser contextualizadas, no caso de cada parecer, pelas eventuais normas ou diretrizes das revistas. Por vezes, certos periódicos publicam textos mais extensos, como editoriais, com discussões sobre o que esperam dos pareceristas (cf. MARTIN, 2016). Mais comuns, entretanto, são pequenos textos e questões com alternativas que acompanham os formulários de parecer, indicando diretrizes para a elaboração da peça.

A respeito do segundo ponto, talvez, atividades formativas mais flexíveis, como oficinas, palestras, oferta de estágios em revistas para pós-graduandos, possam minorar

4 Existem propostas de modelos de revisão nos quais se adota uma avaliação “aberta”, diferentemente da tradicional avaliação duplo-cego (*double-blind review*), ou seja, aquela em que o autor não sabe quem fez o parecer para seu texto e o avaliador não tem acesso ao nome de quem escreveu o artigo. Entretanto, desconheço revista da área da Comunicação que adote alguma prática alternativa de revisão por pares. Vale notar, ainda, que as revistas, muitas vezes, emitem atestados da feitura de parecer, assim como publicam listas com o nome dos pareceristas de determinado ano. O currículo Lattes possui um campo para a inserção das revistas para as quais alguém emitiu parecer. Enfim, essas são formas de reconhecimento dessa tarefa.

o problema apontado – se já não o fazem. O último ponto remete a uma dúvida comum ao se elaborar um parecer: a avaliação feita está sendo rigorosa demais ou leniente (CAMPOS, 2019)? O conhecimento interno da publicação pode ajudar, mas também é necessário entender qual a posição que ela ocupa no sistema de publicações de uma área. Exemplificando: é esperado que a avaliação para uma revista que tem a proposta de acolher trabalhos de pesquisadores em formação adote critérios mais brandos do que uma que procura publicar pesquisas maduras e inovadoras. Voltarei a esse ponto, na discussão do tópico sobre a escolha de uma revista para publicar.

Ao ingressar em um *comitê editorial* de revista acadêmica, em determinada função (revisor textual, assistente editorial, membro do comitê ou editor, por exemplo), há mais um passo na inserção no sistema de publicações. O leque de habilidades necessárias para realizar os serviços relacionados com a edição das revistas inclui um conhecimento geral do campo de estudos (para sugerir, por exemplo, pareceristas); capacidades de trabalho em equipe e comunicação textual, já que a interação com diferentes partes do processo editorial se faz necessária, geralmente via os sistemas de gestão/publicação das revistas ou correio eletrônico; competências administrativas, para buscar recursos e apoio, elaborar relatórios, entre outras dimensões.

A avaliação das revistas científicas

Conforme os acadêmicos passam a ser cada vez mais pressionados para que publiquem, num impulso global do “publish or perish”, os veículos se multiplicam e, nesse bojo, surgem as “revistas predatórias” (cf. MARQUES, 2019 e MCKENZIE, 2019), ou seja, periódicos, sem processos editoriais sérios, que tem o objetivo principal de ganhar dinheiro pela cobrança de “taxas” para a publicação de artigos de autores incautos. Do ponto de vista dos autores, a existência de mecanismos de avaliação tem, assim, a vantagem de ajudá-los na escolha dos periódicos, evitando essas revistas.

Ao mesmo tempo, e de maneira mais estrutural como justificativa da constituição de modelos avaliativos, os sistemas de classificação de revistas científicas podem ser usados em avaliações institucionais. É essa a origem do Qualis Periódicos (<<https://bit.ly/2Ev20h1>>), “um sistema usado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos”,⁵ criado, em 1998, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (Capes), agência federal que avalia a pós-graduação brasileira.

Antes ainda, no início da década de 1990, foram adicionados indicadores quantitativos à avaliação dos programas, entre eles, a quantidade de artigos publicados. Uma decorrência natural disso foi o desenvolvimento do Qualis, pela impossibilidade, dado o alto número, de avaliação individual dos artigos produzidos pelos pesquisadores.

Na sistemática do Qualis, até o momento, os periódicos são analisados por comitês, conforme as áreas de avaliação da pós-graduação da agência, somente avaliando (focando uma classificação) periódicos em que os discentes e docentes dos programas da área publicaram em determinado período. Isso significou, nas avaliações do triênio 2010-2012 e no quadriênio 2012-2016, respectivamente, 1.233 e 1.229 revistas estritamente científicas (LISSOVSKY; BRÄSCHER; EGGERT-STEINDEL, 2016).

A avaliação tomava por base alguns critérios gerais e outros da própria área, que eram divulgados em documentos sobre o tema. As publicações eram classificadas em estratos, conforme a relevância, correspondendo, na avaliação do quadriênio 2013-2016, a oito níveis: A1 e A2, os mais elevados; B1 a B5; e C, o mais baixo (periódicos sem caráter científico-acadêmico). Um critério geral para as áreas era o das chamadas “travas de proporcionalidade”, ou seja, limites para percentuais em cada estrato. Assim a porcentagem de revistas de A1 + A2 não poderia ser superior a 25% de todas os periódicos avaliados e a porcentagem de A1 + A2 + B1 não poderia ser de mais da metade dos periódicos com classificação no período.

Por outro lado, as diretrizes adotadas pela área da Comunicação e Informação, especificamente, foram três: 1) Definição de periódico científico, 2) Características mínimas (Editor responsável; Comissão editorial; ISSN etc.), e 3) Critérios e parâmetros para classificação (Indexação em bases de dados; relevância para a área; ser publicado por instituição com pós-graduação *stricto sensu* etc.) (LISSOVSKY; BRÄSCHER; EGGERT-STEINDEL, 2016).

O próximo Qualis Periódicos, válido para a avaliação quadrienal dos programas de pós-graduação (2017-2020), prevê alterações no modelo anterior, sendo as principais, conforme o Ofício nº 6/2019-CGAP/DAV/CAPES (CAPES, 2019): a adoção de uma lista única de classificação para todas as áreas – anteriormente, o periódico poderia ter avaliações diversas, dependendo da área, enquanto nesse novo sistema valerá a da chamada “área mãe”; a classificação das revistas com base no uso combinado de indicadores bibliométricos e um modelo matemático, e a classificação das revistas em oito estratos, de A1 (o maior) a A4 e de B1 a B4 (o menor).

Os indicadores bibliométricos correspondem às citações da revista dentro de três bases: Scopus (CiteScore), Web of Science (Fator de Impacto) e Google Scholar⁶ (índice

6 Como muitas revistas da área da Comunicação possuem apenas esse indicador, vale a pena informar o endereço onde é possível pesquisar o h5 de um periódico, disponível em: <<https://bit.ly/3Z2WcK0>>. É interessante também notar que, a partir da página informada, se pode verificar pelo caminho “Categorias > Humanities, Literature & Arts > Communication”, quais são as revistas da Comunicação com maior h5.

5 Plataforma Sucupira. Disponível em: <<https://bit.ly/2PktFnF>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

h5). Para as revistas não indexadas nas bases Scopus e Web of Science, foi criado um modelo de regressão para estabelecer a relação do índice h5 com o CiteScore. Há ainda o caso de revistas que não possuem nenhum dos indicadores mencionados; nesse caso, ao menos na área da Comunicação e Informação, foi utilizado o software Publish or Perish para o cálculo do h5 (DALMONTE; PINHO; SILVA, 2019).

Esse modelo deverá ser adotado pela Capes, apesar das críticas feitas por parte dos acadêmicos, que também eram comuns para a metodologia anterior, por sinal (cf. KELLNER, 2017; FERNANDES; MANCHINI, 2019). Na verdade, sobre a avaliação científica, sempre existem controvérsias e discussões, sobre vários pontos. Assim, enquanto alguns acreditam que a lista única de periódicos é positiva, ao eliminar as discrepâncias das avaliações por área (BARATA, 2016; SOMA, ALVES; YANASSE, 2016), outros criticam a própria ideia de uma única avaliação que ignore as especificidades delas (CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA et al., 2019); a tendência ao elemento quantitativo da avaliação, que já era criticada antes (PIRES; POFFO, 2018), se acentua na nova proposta, porém, alguns pesquisadores defendem o caráter mais objetivo da avaliação por indicadores bibliométricos de citação (MARTÍNEZ-ÁVILA, 2019).

É desnecessário, em função do objetivo do trabalho, descrever as minúcias desses debates. Há, porém, um último ponto que é válido notar, para falar de efeitos do Qualis nas áreas de conhecimento. Embora autores como Barata (2016) observem que os resultados do Qualis Periódicos não devem ser utilizados na avaliação do desempenho de indivíduos, para se escolher um *journal* para publicar ou para os editores solicitarem apoios financeiros a suas revistas, na prática, isso ocorre com frequência. O Qualis acaba tendo um papel indutor de comportamentos, indo além de suas características e limitações. Para Kellner (2017), esses usos inadequados eram previsíveis e são, por vezes, estimulado pelas próprias agências de fomento, quando, por exemplo, lançam editais de apoio a revistas, mas exigem que elas estejam classificadas em determinado estrato de avaliação, desse modo, práticas desse tipo se generalizam (MARTÍNEZ-ÁVILA, 2019).

Recomendações gerais para publicação em revistas

Este último tópico central do texto é dividido em três dimensões voltadas a favorecer a produção de textos que possam ser submetidos a revistas, bem como a escolha dos periódicos adequados a eles: a) considerações sobre o gênero textual e características dos textos, b) a necessária adequação entre o trabalho e a revista, e c) recomendações práticas para a publicação em revistas.

Sobre a inicial, vale destacar que os textos submetidos a revistas (principalmente artigos de pesquisa empírica ou bibliográfica e ensaios, mas também resenhas e entrevistas)

devem ser mais maduros e inovadores do que no caso de outros gêneros científicos. Assim, as próprias resenhas publicadas em revistas devem ter componentes de reflexão e avaliação mais avançados do que a resenha, mais próxima do “fichamento”, voltada apenas ao estudo do autor.

Os textos devem também ter suficiente unidade e completude. É possível exemplificar essa característica com dois tipos de observação crítica feitas, por vezes, por pareceristas quanto a um texto. Há censura quando se avalia que o texto parece mais um “projeto de pesquisa” do que um “artigo”, o que é natural já que o primeiro gênero é uma proposta, um planejamento de uma pesquisa que não precisa ter resultados concretos. Ao contrário, são esperados, pelo menos em certa medida, resultados mais conclusivos no artigo científico e mesmo no ensaio. Também há observações que justificaram a não aprovação de um artigo devido ao texto ter, sobretudo, características de um “trabalho final de disciplina de pós-graduação”. Aqui, o que se coloca é que, no caso dos trabalhos conclusivos de curso, o elemento de sistematização do conhecimento é, geralmente, aceitável. Porém, o artigo científico deve procurar fazer acréscimos ao que se sabe, trazendo contribuições próprias.

Os pesquisadores e pesquisadores podem, ainda, produzir trabalhos que tenham a característica de “obra em progresso”, o que é o caso, geralmente, dos chamados “artigos de trabalho” (*working paper*), textos de circulação mais ou menos restrita, que poderão – conforme se espera – receber contribuições críticas. Por vezes, esse é também o caso de artigos encaminhados para eventos científicos. O que se destaca aqui é o caráter ainda inacabado do trabalho. Mas os artigos submetidos a revistas, como regra geral, devem evitar esse aspecto. Há certas revistas que consideram, também, que trabalhos publicados em anais de eventos perdem o “ineditismo”, então, esse é outro ponto que merece atenção. Mas isso já nos leva ao próximo aspecto da discussão.

Desse modo, é importante, em relação à adequação do texto a uma revista, em termos normativos e formais, ler com atenção e ter em mente aspectos indicados nas “diretrizes para autores” das publicações. Entre outros pontos, os periódicos informam em suas páginas na internet a extensão máxima dos trabalhos, como eles devem ser formatados (fonte, entrelinha etc.), a normatização indicada para os textos (ABNT ou APA, por exemplo), a possível exigência de titulação mínima do autor, políticas de plágio e de originalidade dos trabalhos. A atenção a esses aspectos pode evitar recusas na etapa inicial, quando a revista avalia se deverá encaminhar o artigo para pareceristas ou não.

Um artigo pode ser devolvido ao autor por não cumprir, por exemplo, as recomendações para que a revisão seja efetivamente cega. Quando o manuscrito traz o dado de autoria ou em algum trecho é feita a exposição disso, esse aspecto é prejudicado.

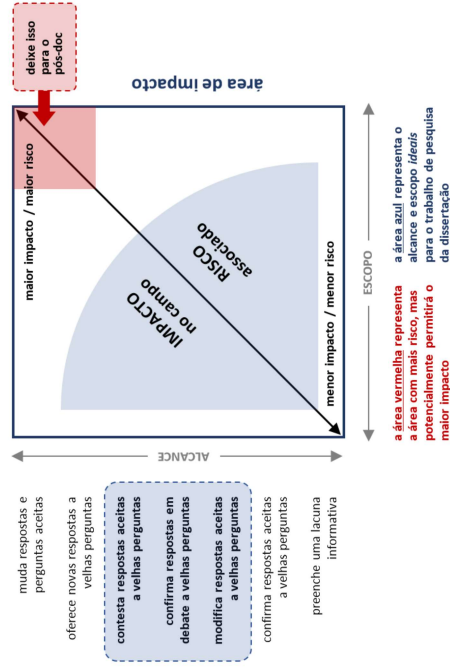
A escolha de um periódico para a submissão deve levar em conta, entre outros aspectos, de acordo com Barata (2016, p. 17),

o público-alvo do próprio artigo, o escopo dos diversos periódicos em um mesmo campo científico, a credibilidade, a rapidez no processo de julgamento e de publicação, a competitividade expressa pela taxa de rejeição, a circulação que os periódicos têm na comunidade de interesse e seu prestígio, o que pode ser indiretamente avaliado por diferentes medidas de impacto.

Alguns desses aspectos são informações objetivas localizáveis nos próprios sites das revistas, como o escopo e a taxa de rejeição. Outros, porém, dependem de um conhecimento maior e em parte subjetivo, cuja aquisição está ligada à participação do pesquisador como leitor das revistas, assim como discussões com colegas. Por outro lado, a reflexão sobre o “público-alvo” compreende também o que seria uma autoavaliação do autor sobre os resultados de seu trabalho.

Retiro o argumento para essa reflexão de uma proposta de Tilly (2006), na qual o autor desenvolve um esquema (Figura 1) para recomendar dimensões do *escopo* e *alcance* de um estudo mais adequadas para teses e dissertações acadêmicas.

Figura 1 — Alcance e escopo ideais para um trabalho acadêmico (tese, dissertação)



Fonte: Adaptado de Tilly (2006).

O *alcance* do trabalho (eixo x) expressa níveis de contribuição que vão das menores – nos quais, por exemplo, ele apresenta mais evidências em apoio a argumentos

existentes – às mais significativas – quando o trabalho traz novas evidências que apoiem determinado argumento numa controversia científica – até, por fim, às contribuições inovadoras, ou seja, as que contêm ideias aparentemente novas no campo de estudo.

O *escopo* (eixo y), por sua vez, apresenta crescimento nos âmbitos ou nas instâncias no tempo e no espaço que as conclusões do trabalho compreendem. Assim, o estudo da relação entre rádio e autoritarismo numa cidade num curto período de tempo teria um escopo menor do que de outro trabalho com a mesma preocupação feito em um ou mais países ao longo de décadas.

Conforme o alcance e o escopo do trabalho crescem, o potencial de impacto do trabalho também aumenta; por outro lado, há uma correlação direta entre esse aumento do caráter inovador do estudo e o risco do trabalho sofrer oposições e críticas, em relação às suas descobertas. Na discussão de Tilly, a ênfase é para que os pesquisadores em formação atinjam níveis significativos quanto aos resultados, mas sem ter a preocupação imediata de produzir estudos com forte inovação, pois trabalhos desse tipo, mais complexos, podem requerer, além de ambição, mais maturidade e conhecimentos.

Aqui, numa discussão voltada à escolha de revista científica para um artigo, interessa que o pesquisador procure, numa sincera autorreflexão, avaliar o quanto o seu trabalho é inovador, tendo em mente que as revistas de maior prestígio, mais influentes, tendem a dar preferência a esse tipo de estudo. Não é apenas para diminuir o número de submissões que muitas revistas impõem regra preliminar de aceite de trabalhos apenas para doutores já formados ou doutorandos. O ponto é que mestrandos e doutorandos são estudos de pesquisadores em formação; cobrar um alto grau de inovação chega a ser injusto, principalmente para as dissertações de mestrado.

Mas é exatamente por isso que um sistema de periódicos é diverso: outras revistas poderão acolher boas contribuições científicas que tenham, entretanto, alcance e escopo mais restritos. Assim, o conhecimento sobre as revistas ajuda a quem deseja submeter um artigo a buscar a “combinação” mais adequada entre ele e uma publicação.

A aderência do texto a uma revista específica envolve também as características ligadas ao perfil da revista. Desse modo, uma que se declare interessada em expandir o conhecimento sobre o audiovisual terá pouco interesse num artigo de análise de jornais. Ler as declarações de “foco e escopo” das revistas é uma prática básica, bem como conhecer o que ela pública; num plano ideal, sendo leitor do periódico. Afinal, a pergunta que todo candidato a autor deve fazer é: por que publicar nesta revista e não em outra?

Dito isso, gostaria de concluir com algumas recomendações práticas que julgo importantes. Algumas podem parecer óbvias, no entanto, em minha experiência como editor percebo negligência em relação a certas questões comentadas, talvez por falta

de informação. Como atitudes cuidadosas evitam problemas na publicação científica e na reputação do autor vale a pena destacar esses pontos:

- *Nunca submeta, ao mesmo tempo, um texto para duas revistas.* Já tive o dissabor de ver um texto que estava sendo avaliado em *MATRIZES* ser publicado em outra revista. O artigo, evidentemente, foi cancelado, mas o trabalho feito pela revista (análise inicial, busca de pareceristas) foi perdido.
- *Cuidado com o que possa ser entendido como plágio ou autoplagio.* Como se disse, a leitura das observações das políticas das revistas sobre o entendimento que elas têm sobre o assunto é uma precaução. E, para maior compreensão do tema, a consulta ao *Código de boas práticas científicas* da Fapesp (FAPESP, 2014) é útil.
- *Procure ser formal, objetivo e polido nas comunicações com o editor,* lendo com atenção as orientações dadas por ele. As equipes editoriais são ocupadas e, embora não seja errado solicitar informações sobre a revista ou eventual texto submetido, elabore textos com demandas claras e que não estejam já respondidas nas orientações públicas do periódico. Ainda sobre a comunicação com a revista, no caso das submissões já feitas, de tempos em tempos entre na área do sistema da revista para ver o estado do artigo. Isso pode prevenir problemas como quando uma publicação envia um e-mail que vai para a caixa de spam do destinatário.
- *Considere com atenção a possibilidade de ser parecerista.* Essa é uma boa maneira para cultivar relações com as revistas, como já dito. Caso não se sinta à vontade para dar um parecer (reconhece o autor, não tem suficiente conhecimento ou especialidade etc.), comunique o editor. Porém, assumindo esse encargo, não faça pareceres “genéricos” ou sem clara recomendação. Ao mesmo tempo, faça avaliações críticas parecidas com as que gostaria de receber, isto é, seja respeitoso e, ainda que possa indicar fragilidades do trabalho, aponte também os méritos.
- *A cada momento da formação acadêmica correspondem expectativas de publicação.* Em outras palavras, a coautoria, como segundo autor, não é mal-vista nos estágios iniciais da carreira acadêmica (mestrado, doutorado), assim como a publicação de peças, como resenhas, menos complexas. Entretanto, à medida que a formação progride, espera-se também avanço nos tópicos mencionados, ou seja, que um pesquisador publique mais artigos científicos em autoria única ou como autor principal. A coautoria com autores de outras instituições ou países, aliás, tende a ser valorizada, num contexto em que aspectos como a interdisciplinaridade e a internacionalização do trabalho acadêmico são bem-vistos. Além disso, podem ajudar a produzir pesquisas de mais qualidade e interesse.
- *Autocitações devem ser feitas com parcimônia e coerência.* Nada impede, podendo até ser útil, que um pesquisador sustente argumentos de um texto em trabalhos prévios

próprios – deve, entretanto, se precaver para não tornar evidente a autoria no manuscrito do artigo a ser avaliado. Porém, quando a autocitação parece ser, sobretudo, uma estratégia de “autopromoção”, isso depõe contra a imagem do autor. Ainda sobre citações, não é obrigatório citar texto já publicado na revista para o qual se submete trabalho. Contudo, parece uma falha ignorar algum estudo relevante que tenha sido editado por ela, sobre o tópico do artigo.

- *O cálculo da temporalidade das publicações é incerto, mas há estratégias para tentar estimar ou garantir um fluxo mais favorável.* Como as revistas dependem de pareceristas que atuam sem receber ganho financeiro e num momento em que os acadêmicos possuem um conjunto considerável de outras tarefas, o término do ciclo de avaliação de um artigo pode ser mais demorado do que o desejado. Ao mesmo tempo, as revistas podem possuir muitas submissões e mesmo trabalhos já aprovados esperando publicação. Isso faz com que os artigos entrem numa fila. Desse modo, os prazos de publicação podem se alongar, prejudicando o eventual planejamento dos autores quanto ao “fluxo de publicação” idealizado por eles. Um prazo de dois anos do início da redação do trabalho à publicação de um artigo não é incomum.⁷ Nessa perspectiva, alguns recomendam só iniciar um novo artigo após ter duas peças sendo avaliadas por revistas (WHITAKER, 2019), para dar foco e não dispersar energias. Ter vários manuscritos inseridos no processo avaliativo de revistas também assegura “mais oportunidades de publicação, e um sim em um trabalho sempre ajuda a atenuar a decepção por um não” (SACHAR, 2019, tradução nossa). Diante da temporalidade incerta de publicação é interessante acompanhar as chamadas para dossiês e números temáticos divulgados por revistas,⁸ pois, nesses casos, tende a haver um cronograma preestabelecido. Além disso, a publicação em seções ou edições temáticas pode dar mais visibilidade ao trabalho, para um público-leitor interessado no assunto.
- *A submissão para revistas estrangeiras exige cuidados quanto à linguagem e ao contexto.* Caso submeta texto em língua diferente do português, procure fazer com que a última revisão seja feita por um *native speaker*. Há sites que oferecem serviços de revisão. Textos vertidos para o inglês ficam de 10% a 15% menores. Esse ganho de espaço pode ser útil para adicionar informações contextuais relevantes para o leitor estrangeiro.
- *Rejeições são um fato da vida, que pode ser lamentado, mas não superestimado.* Após uma não aprovação, “junte os cacos” (SACHAR, 2019), leia com atenção os pareceres

7 Tive essa informação de Whitaker (2019) e resolvi verificar prazos, no caso de meus três últimos artigos publicados dentro do fluxo normal (não dossiês) de revistas. Cheguei ao seguinte resultado: 16, 5 e 9 meses. Note-se que não contabilizei os períodos de planejamento da pesquisa, leituras prévias e coleta de dados, anteriores à redação dos trabalhos, o que aumentaria ainda mais os prazos.

8 Uma forma para acompanhar esse tipo de CP (*Call for Papers*) é ingressar em listas de mensagens da área da Comunicação, como a nacional Compos (<https://www.compos.org.br/lista_discussao.php>) e a internacional CommList (<<http://commlist.org/>>).

e avale o que será mais conveniente fazer. Isso pode envolver ajustes (maiores ou menores) no trabalho e resubmissão ou submissão a outra revista, desmembramento do *paper* etc. As frustrações e fracassos fazem parte da vida acadêmica, não apenas na etapa de comunicação do trabalho. Um diferencial dos pesquisadores que alcançam alto reconhecimento e prestígio parece ser, conforme Merton (1968) descreve em relação a ganhadores do prêmio Nobel, justamente a capacidade de assimilar constantes falhas sem dano psicológico aparente.

Considerações finais: o “efeito Mateus” e o jovem pesquisador

O reconhecimento científico tem mais relação com a qualidade do que com a quantidade do que se publica – e nesse ponto a crítica ao “produtivismo” é, sem dúvida, pertinente. A “qualidade” da pesquisa está relacionada ao valor que as ideias têm para os pares, a ponto de merecerem ser discutidas e reconhecidas como acréscimos ao estado do conhecimento. No entanto, não basta alguém fazer indagações ou descobertas significativas: é necessário publicar e comunicar os pensamentos.

Por outro lado, em si mesma, a publicação pode ser vista como um dos elementos do reconhecimento acadêmico sujeitos ao chamado “efeito Mateus”⁹, com o qual Merton (1968, 1988) procurou descrever o fenômeno de má alocação de crédito pelo trabalho científico a partir de uma desigualdade explicada pelo “princípio da vantagem cumulativa que opera em muitos sistemas de estratificação social, produzindo o mesmo resultado: os ricos ficam mais ricos, na mesma razão que os pobres tornam-se relativamente mais pobres” (MERTON, 1968, p. 62, tradução nossa). Em outras palavras, cientistas e organizações com alto grau de reconhecimento “recebem créditos desproporcionalmente grandes por suas contribuições para a ciência, enquanto aqueles relativamente desconhecidos tendem a obter créditos desproporcionalmente pequenos por suas contribuições ocasionais comparáveis” (MERTON, 1988, p. 607, tradução nossa).

A chamada Lei de Lotka, da bibliometria, postula que, nos campos científicos, um pequeno número de autores, entre 5% e 6%, publica a metade dos trabalhos e essa distribuição enviesada se acentuaria no uso (medido por citações) dos trabalhos (cf. MERTON, 1988, p. 611-612). Essa elite científica, porém, só é muito citada porque é lida – isto é, publica, potencialmente como visto, também com protagonismo.

Por isso, entender o que faz os jovens pesquisadores serem bem-sucedidos, em relação às publicações, ao longo de sua carreira, é uma indagação interessante. A

9 Devido ao trecho bíblico: “Ao que tem, se lhe dará e terá em abundância, mas ao que não tem será tirado até mesmo o que tem” (Mateus 13:12).

pesquisa de Laurance et al. (2013b) sonda esse aspecto, a partir da análise de dados de acadêmicos da área de Biologia de quatro continentes. Nesse estudo, são avaliados os efeitos das variáveis gênero, língua nativa, prestígio da instituição em que se obteve o título de doutor e a data da primeira publicação científica (relacionada ao ano de conclusão do doutorado). É justamente a capacidade de ter publicado durante o doutorado, de acordo com a pesquisa, o aspecto que se correlaciona mais fortemente com o sucesso de longo prazo na carreira científica, conforme o número de publicações posteriores.

Não se sabe se essa dinâmica também ocorre na área da Comunicação, que aguarda pesquisas que averiguem essa hipótese. Se ela ocorre, estimular a publicação antes do término do doutorado pode ser uma das estratégias para que jovens pesquisadores contornem, em alguma medida, o “efeito Mateus” quanto às publicações. Porém, constatando ou não a hipótese exposta, a publicação de artigos continua sendo “uma habilidade complexa e desafiadora” e apenas quando “um/a jovem cientista começa a dominar esse processo [que] seu caminho fica menos árduo. Torna-se mais fácil ter outros trabalhos aceitos, ganhar financiamentos, bolsas e obter mais oportunidades de pesquisa” (LAURANCE et al., 2013a, tradução nossa).

Nesse sentido, concluindo, a educação de pós-graduando/as para que publiquem em revistas científicas possui importância. Assim, esforços educativos podem ter um efeito igualitário para favorecer as oportunidades de estudantes a respeito dessa prática.

Referências

- BARATA, R. de C. B. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, Brasília, v. 13, n. 30, p. 13-40, 2016. doi: <https://doi.org/10.21713/2358-2332.2016.v13.947>.
- CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA et al. Contribuições ao debate sobre a avaliação da produção científica no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 10, e00173219, 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00173219>.
- CAMPOS, L. A. Como redigir um parecer acadêmico? *Blog DADOS*, Rio de Janeiro, 4 jul. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/39UJTST>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- CAPEL, Ofício nº 6/2019-CGAP/DAV/CAPEL. Brasília: Capes, 16 jul. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/31cY0yU>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- CASANOVA, P. G. A nova universidade. In: GENTILI, P. (Org.). *Universidades na penumbra: neoliberalismo e reestruturação universitária*. São Paulo: Cortez; Clacso, 2001. p. 217-232.
- COLIMBRA JÚNIOR, C. E. A. Efeitos colaterais do produtivismo acadêmico na pós-graduação. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 10, p. 2092-2093, 2009. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2009001000001>.
- D'ALMONTE, E. F.; PINHO, F. A.; SILVA, J. L. C. *Relatório do Qualis Periódicos – Área 31: Comunicação e Informação*. Brasília: Capes, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2DsT4ca>. Acesso em: 28 jul. 2020.

- FAPESP. **Código de boas práticas científicas**. São Paulo: Fapesp, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2Pz7ppM>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- FERNANDES, G. A. L.; MANCHINI, L. de O. How QUALIS CAPES influences Brazilian academic production? A stimulus or a barrier for advancement? **Brazilian Journal of Political Economy**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 285-305, 2019. doi: <https://doi.org/10.1590/0101-31572019-3006>.
- GODOÍ, C. K.; XAVIER, W. G. O produtivismo e suas anomalias. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 456-465, 2012. doi: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512012000200012>.
- KELLNER, A. W. A. The Qualis system: a perspective from a multidisciplinary journal. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 89, n. 3, p. 1339-1342, set. 2017. doi: <https://doi.org/10.1590/0001-37652017893>
- LAURANCE, W. F. et al. Predicting who will publish or perish at career academics. **The Conversation**, Boston, 23 set. 2013a. Disponível em: <https://bit.ly/31hcybV>. Acesso em: 30 jul. 2020.
- LAURANCE, W. F. et al. Predicting publication success for biologists. **BioScience**, Washington, DC, v. 63, n. 10, p. 817-823, out. 2013b. doi: <https://doi.org/10.1525/bio.2013.63.10.9>.
- LISSOVSKY, M.; BRÁSCHER, M.; EGGERT-STEINDEL, G. **Considerações sobre Qualis Periódicos**: Ciências Sociais Aplicadas. Brasília: Capes, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/31jzt6o>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- MARQUES, F. Mais conhecimento sobre revistas predatórias. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 286, dez. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2PkjAXJ>>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- MARTIN, E. How double-blind peer review works and what it takes to be a good referee. **Current Sociology**, Londres, v. 64, n. 5, p. 691-698, 2016. doi: <https://doi.org/10.1177/0011392116656711>.
- MARTINEZ-AVILA, D. Qualis Periódicos: el sistema brasileño de evaluación de revistas. **Anuario Thin-KEPI**, Madrid v. 13, e13e01, 2019. doi: <https://doi.org/10.3145/thinkepi.2019.e13e01>.
- MCKENZIE, L. Researchers tackle predatory publisher awareness. **Inside Higher Ed**, Washington, DC, 26 set. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2Pm1RIL>>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- MERTON, R. K. The Matthew effect in science: the reward and communication systems of science are considered. **Science**, Washington, DC, v. 159, n. 3810, p. 56-63, 1968. doi: <https://doi.org/10.1126/science.159.3810.56>.
- MERTON, R. K. The Matthew effect in science, II: cumulative advantage and the symbolism of intellectual property. **Isis**, Chicago, v. 79, n. 4, p. 606-623, 1988. doi: <https://doi.org/10.1086/354848>.
- MERTON, R. K. A ciência e a estrutura social democrática. In: MERTON, R. K. **Ensaio de sociologia da ciência**. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia; Editora 34, 2013. p. 181-198.
- PIRES, G. D. L.; POFFO, B. N. A avaliação da pós-graduação em Educação Física e suas implicações para os periódicos da área: "publicar ou perecer" vale também para os editores. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 54, p. 111-126, 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2018v30n54p111>.
- PORTO, F.; GURGEL, J. L. Sugestão de roteiro para avaliação de um artigo científico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 111-116, 2018. doi: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2017.12.002>
- ROLAND, M.-C. Publish and perish. Hedging and fraud in scientific discourse. **EMBO Reports**, Oxford, v. 8, n. 5, p. 424-428, 2007. doi: <https://dx.doi.org/10.1038/2Fsj.embor.7400964>.
- SACHAR, C. O. Picking up the pieces. **Inside Higher Ed**, Washington, DC, 15 ago. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/33nd8Kx>>. Acesso em: 27 jul. 2020.
- SLAUGHTER, S.; RHOADES, G. **Academic capitalism and the new economy**: markets, state and higher education. Baltimore: John Hopkins University Press, 2004.
- SOMA, N. Y.; ALVES, A. D.; YANASSE, H. H. O Qualis Periódicos e sua utilização nas avaliações. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 13, n. 30, 22 dez. 2016. doi: <https://doi.org/10.21713/2358-2332.2016.v13.1128>.
- THOMPSON, J. B. A interação mediada na era digital. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 17-44, 2018. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p17-44>
- TILLY, C. **Selecting a dissertation topic**: range and scope. Apresentação de Power Point, 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/3gsFnIX>>. Acesso em: 30 jul. 2020.
- TOLSGAARD, M. G.; ELLAWAY, R.; WOODS, N.; NORMAN, G. Salami-slicing and plagiarism: How should we respond? **Advances in Health Sciences Education**, Dordrecht, v. 24, p. 3-14, 2019. doi: <https://doi.org/10.1007/s10459-019-09876-7>.
- VILACA, M. M. Más conductas científicas: uma abordagem crítico-comparativa para *in-formar* uma reflexão sobre o tema. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 60, jan.-mar. 2015. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782015206012>.
- WHITAKER, M. Which publications matter at which stages of your career? **The Chronicle of Higher Education**, Washington, DC, 23 set. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2Xnru76>. Acesso em: 29 jul. 2020.
- WILKINSON, J. Avaliação de artigos acadêmicos: como estruturar um bom parecer (Artigo). Tradução de Ana Paula Tavares Teixeira e Bruno Leal Pastor de Carvalho. **Café História – História feita com cliques**, Brasília, 21 ago. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2PJdWRb>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- ZUJIN, A. A. S.; BIANCHETTI, L. O produtivismo na era do "publique, apareça ou pereça": um equilíbrio difícil e necessário. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 158, p. 726-750, dez. 2015. doi: <https://doi.org/10.1590/198053143294>.